

Polícia caça armas nas escolas do Distrito Federal

Da Redação

Os alunos são divididos em dois blocos. Os meninos vão para um canto da sala. As garotas seguem para o outro. Utilizando detectores de metal e muita paciência, os policiais militares do Batalhão Escolar (6º BPM) revistam os estudantes. É a operação Varredura. Um cenário comum nas escolas públicas, mas raro nos colégios particulares, que não costumam autorizar operações da PM em suas dependências.

Segundo o oficial de planejamento do 6º BPM, tenente Luiz Gustavo Danzmann, o motivo é um só: evitar manchar a imagem da instituição de ensino. "Imagine pegar um estudante armado dentro de uma escola particular famosa. A repercussão seria enorme. Para evitar a ação da polícia e dar segurança aos alunos, a direção contrata vigias e seguranças", explica o policial militar.

O Centro de Ensino 16 de Taguatinga, localizado na QNL 22/24, foi a escola vasculhada ontem. Por volta de 16h, dez PMs interromperam as atividades de três turmas e revistaram os alunos. Não encontraram nada. "Sabemos que é difícil flagrar um aluno com arma, mas é o tipo de atividade que faz bem ao ambiente escolar. Os estudantes vão pensar duas vezes antes de trazer um revólver para o colégio", avalia João Gonzaga, assistente de direção.

Neste ano, a PM realizou 414 operações em escolas particulares e da rede pública de ensino. No primeiro semestre de 2001, foram flagradas 16 armas dentro de escolas, duas delas em colégios privados, contra 42 no ano passado. "O número está dentro da média. O maior número de ocorrências concentra-se no segundo semestre, principalmente, no retorno às aulas", revela o subcomandante do Batalhão Escolar, major Telir José Deponti Fumaco.

É necessário uma autorização por escrito da direção da escola, para a PM realizar as operações. Elas são feitas em duas formas: antes do aluno entrar em sala (operação Escola Limpa) ou durante as aulas (Varredura). "É uma garantia para todos. O colégio se responsabiliza pelos alunos e a corporação responde pela atuação dos policiais militares", explica o major Fumaco.

Lindauro Gomes



ALUNO DO CENTRO DE ENSINO 16, DE TAGUATINGA, É SUBMETIDO AO DETECTOR DE METAIS: 414 OPERAÇÕES FORAM REALIZADAS ESTE ANO

**"IMAGINE
PEGAR UM
ESTUDANTE
ARMADO
DENTRO DE
UMA ESCOLA
PARTICULAR
FAMOSA.
A REPERCUSSÃO
SERIA ENORME"**

LUIZ GUSTAVO DANZMANN

Tenente, oficial de planejamento
do 6º BPM

Aluno alega ameaça

As operações do Batalhão Escolar (6º BPM) têm como objetivo principal detectar infrações como a ocorrida quarta-feira, no Colégio La Salle, na 906 Sul. Um aluno da 8ª série foi flagrado com um revólver calibre 32, com seis balas, dentro da sala de aula. Uma funcionária da escola percebeu que o estudante estava com a arma e chamou a polícia.

Os policiais militares levaram G.S.S., de 14 anos, para a Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA). No depoimento aos agentes, o menino disse que comprou a arma por R\$ 150 na feira do Rolo, em Ceilândia, para se proteger das ameaças de rivais da Asa Norte.

"Duvidamos dessa informação. Todos os adolescentes infratores dizem que compram armas em feiras livres. Eles fazem

isso para encobrir os verdadeiros fornecedores", afirma Rário Temporim, delegado-chefe substituto da DCA.

G. foi entregue aos pais depois do depoimento. Ele terá que comparecer à Vara da Infância e da Juventude no dia 2 de agosto, às 14h50. Um juiz vai determinar qual a medida socioeducativa que deverá ser cumprida. Por ser a primeira infração cometida, G. deverá receber uma advertência.

O diretor do La Salle, irmão Laurentino, evita comentar o caso. Ele afirma que o assunto é de interesse somente da escola e não merece "estardalhaço". "As aulas vão seguir normalmente. A polícia vai fazer a sua parte e a escola a dela. Vamos tratar o assunto pedagogicamente", observa o diretor. Segundo ele, G. compareceu normalmente à aula, ontem.

UM FLAGRANTE A CADA DIA

A Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA) registra, em média, um flagrante de porte de arma de fogo por dia. No ano passado, foram registradas 349 ocorrências desse tipo envolvendo menores, que resultaram na apreensão de 562 armas de fogo. Apesar do número elevado, as ocorrências estão em queda desde 1998, quando ocorreram 390 casos. Em 1999, foram 356 ocorrências. "A maioria das armas é roubada em residências, boa parte delas em casas de policiais civis e militares. Para não deixar marcas do crime, eles raspam a numeração dos revólveres", informa o delegado Rário Temporim.